



XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

## MERCADO DE TRABALHO E GÊNERO NO BRASIL: UM PANORAMA DOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

Universidade Regional do Cariri (URCA) Ceará, Brasil

### RESUMO

No Brasil, com todas as mudanças econômicas ocorridas, a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho nunca foi tida como destaque no encadeamento da economia brasileira. Sendo assim, é de interesse fazer uma análise desse panorama nos últimos dez anos, o presente estudo tem esse objetivo, e por meio de dados evidenciar, que apesar dos esforços das mulheres em assegurar sua posição em empregos dignos e alcançar equidade salarial, os indicadores não refletem plenamente essa luta histórica. Por meio de dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) trimestral dentre os anos de 2013-2023, concluiu-se que, ao longo desses dez anos, tem-se pouca notoriedade da mudança e que com toda a discussão de que se deve mudar esse cenário ainda evidencia-se uma disparidade significativa tanto na inserção das mulheres no mercado de trabalho, que teve um crescimento médio de apenas 1,44%, quanto em seus rendimentos, que apresentaram uma diferença média de R\$726. Além disso, constata-se que, em períodos de crise econômica, as mulheres são as primeiras a sofrer os impactos negativos em sua permanência no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** mercado de trabalho; gênero; renda.



XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2023, a economista Cláudia Goldin do departamento de economia da Universidade de Harvard foi agraciada com o Prêmio Nobel da Economia pelo seu avanço no estudo sobre a disparidade de gênero no mercado de trabalho. Tal feito trouxe à tona novamente discussões sobre o assunto, cujo tema sempre está em pauta por cientistas sociais.

Myrrha, *et al.* (2019), observaram que em nações emergentes, principalmente as compostas por altas desigualdades socioeconômicas, demográficas e de desenvolvimento, se sobressaem as desigualdades de gênero no trabalho remunerado e não remunerado. Os autores também ressaltam que, países com grande extensão territorial acabam sendo mais afetados por dificuldades regionais, como é o caso do México e do Brasil (Myrrha *et al.*, 2019).

Nos últimos anos, é mais comum ver mulheres conquistando um lugar no mercado de trabalho, ambientes em que antes a população somente tinha a presença masculina (Probst e Ramos, p. 2, 2003). O fenômeno da inclusão feminina no mercado de trabalho vem aumentando cada vez mais, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, e o Brasil não fica de fora. De acordo com dados disponibilizados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), os resultados do 3º trimestre de cada ano da última década (2013 - 2023) mostram um aumento médio de aproximadamente 12,9% da participação feminina no mercado de trabalho, formal e informal.

Embora haja um avanço na inserção feminina no mercado de trabalho, é importante salientar que essa inserção vem sendo acompanhada de grandes dificuldades e discriminação, não apenas nas vagas de trabalho formal ou informal criadas, mas também na desigualdade salarial entre homens e mulheres (Probst e Ramos, 2003).

De acordo com Amaral (2012) os fatores para inserção da mulher no mercado de trabalho são influenciados pela necessidade constante de qualificação e a responsabilidade com o trabalho doméstico. Apesar do com o avanço no campo



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

profissional e intelectual, não diminuiu o fardo que as mulheres têm com os trabalhos atribuídos socialmente. Por mais que haja avanços na inclusão da mulher no mercado de trabalho, na maioria dos países industrializados, essa segregação por gênero não se alterou significativamente.

Nos últimos 10 anos, o Brasil enfrentou uma série de crises econômicas e políticas que afetaram o país economicamente, principalmente mulheres no mercado de trabalho, como a crise econômica de 2014/2017, a crise política de 2016 e a Pandemia do COVID-19 em 2020. Entre os anos de 2003 e 2014 a taxa de desemprego entre os brasileiros mostrou uma queda em virtude da ampliação de programas sociais para combate à pobreza, sendo 2014 o ano em que foi registrada a menor taxa de desemprego até então, com 5,1%. Segundo o Comitê de Datação do Ciclo Econômico da Fundação Getúlio Vargas, a economia brasileira começou a se apresentar formalmente em recessão desde o segundo trimestre de 2014, com uma queda evidente de aproximadamente 9% do produto *per capita* brasileiro entre 2014 e 2016 (Barbosa, 2017). Com a queda do produto, houve pressões inflacionárias e quedas da taxa de investimentos, cenário que se agravava com a reeleição da Presidente, afetando a situação macroeconômica do Brasil (Mattei, 2018). Em maio de 2016, a então Presidente da República Dilma Rousseff foi afastada do seu cargo para ser julgada. Tal evento acarretou uma retração na economia de 3,8%. Já no segundo trimestre de 2016, a taxa de desemprego disparou para 11,3% (Amorim Neto, 2016). No terceiro trimestre de 2016 foi observada uma queda na inserção no mercado de trabalho de aproximadamente 2,47% de homens e 2,73% de mulheres, já em 2017 é possível notar uma recuperação de 0,01% da participação feminina no mercado de trabalho, enquanto a participação masculina cresceu 0,788% .

Em 2020, a situação do COVID - 19 foi configurada como pandemia mundial. Ao chegar ao Brasil, que ainda não estava totalmente recuperado das crises anteriores, a pandemia afetou principalmente o mercado de trabalho, que já se encontrava em desaceleração desde 2015 (Mattei e Heinen, 2020). No 3º trimestre de 2020 a taxa de inserção total do mercado caiu -12%. Porém a população feminina foi a mais prejudicada, tendo uma queda de -15,72% na participação do mercado de trabalho, enquanto os



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

homens tiveram uma queda de apenas -9% na inserção do mercado de trabalho (PNAD, 2020).

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho, a partir da estatística descritiva e com os dados extraídos do IBGE, é analisar o panorama da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro nos anos de 2013 a 2023, com intuito de mostrar seus avanços e desafios. O trabalho está dividido em duas seções, a primeira trata de uma apresentação de dados das pessoas de 14 anos ou mais de idade na força de trabalho e quantas estavam ocupadas na semana de referência e a segunda mostra a disparidade do rendimento médio mensal das mulheres em relação aos homens na semana de referência.

### **2 Metodologia**

Esse estudo foi realizado por meio de estatística descritiva com dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) trimestral, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram analisados os terceiros trimestres dos anos de 2013 a 2023, visto que são considerados mais estáveis e são menos afetados por sazonalidades. As variáveis analisadas foram: PEA (Pessoas com 14 anos ou mais de idade na força de trabalho / economicamente ativas), Pessoas Ocupadas (uma pessoa é dita ocupada na metodologia usada pelo IBGE quando ela exerce atividade profissional (formal ou informal, remunerada ou não) durante pelo menos 1 hora completa na semana de referência da pesquisa) na semana de referência, e o Rendimento Médio Real das Pessoas Ocupadas na semana de referência.

### **3 Resultados e Discussão**

Ao longo dos anos, as mulheres têm se dedicado a sua qualificação profissional para alcançar melhores cargos e trabalhos, lentamente, mas progressivamente, elas têm expandido sua presença e influência no cenário econômico (Probst e Ramos, 2003). Esse esforço temporal não está acompanhado de uma efetiva mudança no mercado de trabalho. De acordo com a (PNAD, 2013 - 2023), na última década, as mulheres vem representando em média, aproximadamente 43% da PEA (população economicamente



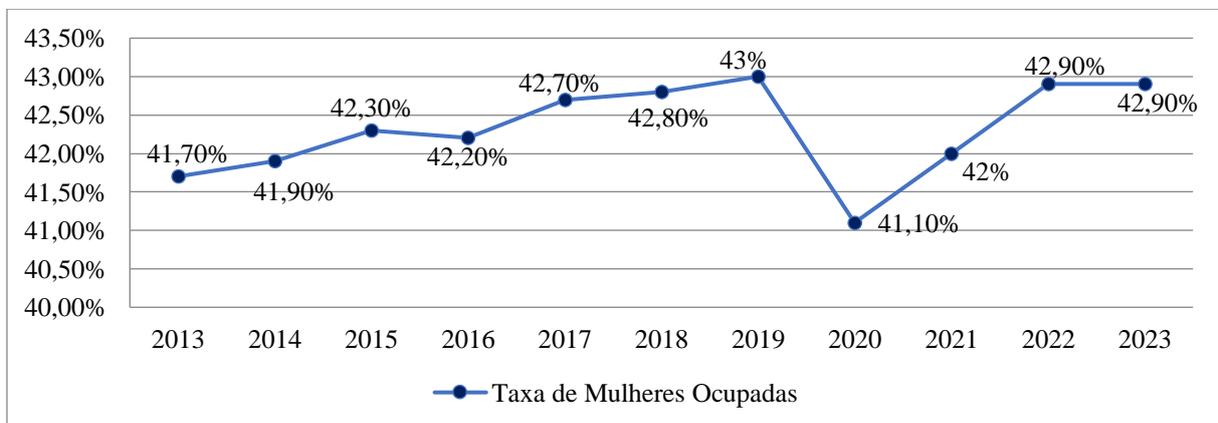
## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

ativa do Brasil), sendo 2018 (com 43,8%), 2019 (com 44,2%) e 2022 (com 44%) os anos com mais representatividade feminina na PEA. Mostrando assim, um singelo crescimento na participação feminina na PEA.

### 3.1 A representação feminina na PEA (população economicamente ativa)

As mulheres, em média, compõem cerca de 42% da população ocupada no mercado de trabalho ao longo da última década. Destaca-se um aumento nos anos de 2017 (crescimento de 2,7% em relação ao ano anterior) e 2019 (crescimento de 2,3% em relação ao ano anterior), períodos em que o país começava a se recuperar dos impactos da crise política que resultou em danos econômicos significativos, como o aumento do desemprego.

**Gráfico I- Taxa de Mulheres Ocupadas no Mercado de Trabalho brasileiro (2013 - 2023)**



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD contínua trimestral.

Como observado no gráfico I, no ano de 2020, em que a economia mundial foi prejudicada pela pandemia do vírus COVID - 19, a taxa de mulheres ocupadas caiu para 41,1%, sendo o menor índice da década. Felizmente, houve um aumento de 13,7% em relação ao ano anterior na taxa de mulheres ocupadas no mercado de trabalho, sendo os



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

anos de 2022 e 2023 os anos com mais participação feminina, com 42,9% ambos. O crescimento médio da taxa de mulheres empregadas entre 2013 e 2023 foi de 1,44%. Em contrapartida, a taxa de homens empregados apresentou uma queda de aproximadamente 0,20%. Apesar da taxa de crescimento negativo, a população masculina ocupada permaneceu estável e superior à feminina. Isso destaca que, embora as mulheres tenham alcançado diversas conquistas, elas continuam sendo a minoria no mercado de trabalho (PNAD, 2013 - 2023).

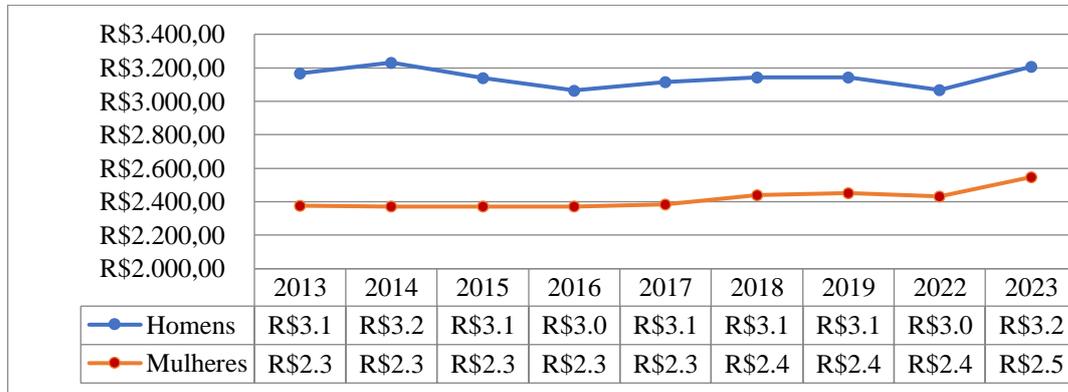
### 3.2 A representação feminina no rendimento mensal real

Ao analisar o rendimento mensal real das pessoas economicamente ativas e ocupadas ao longo da década, foi constatado que a média da renda mensal dos homens é de R\$3.141,00, enquanto a média das mulheres é de R\$2.415,00. Nos anos estudados, consta-se uma diferença média de cerca de R\$726,00, contudo, ambas as categorias foram afetadas pelas crises econômicas. No ano de 2016, por exemplo, os homens experimentaram uma redução no rendimento, como evidenciado pelo gráfico II, enquanto as mulheres mantiveram uma renda estável. Mesmo com essa diminuição, os homens ainda apresentaram um rendimento real superior em R\$694,00. Nos anos de 2014 e 2015, as mulheres enfrentaram uma redução na renda, ao passo que o rendimento masculino aumentou, destacando a falta de um crescimento correspondente entre ambos os gêneros. Cabe ressaltar que a análise não inclui dados de 2020 e 2021 devido à pandemia.

**Gráfico II - Rendimento médio mensal real das pessoas de 14 anos ou mais, ocupadas na semana de referência (2013 – 2023).**



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNAD contínua trimestral.

No gráfico II, em primeira instância, é notória a disparidade na distribuição de rendimento entre homens e mulheres no mercado de trabalho brasileiro. Pode-se notar que as duas curvas não se cruzam em nenhum ponto temporal, o que conduz à conclusão de que, apesar de todo avanço e luta das mulheres para conquistar uma igualdade em toda a esfera da sociedade, ainda persiste uma diferença substancial das condições dos trabalhos atribuídos e remunerados às mulheres. Em suma, a curva de variação do rendimento médio mensal das mulheres, de 2013-2017, tem uma variação praticamente imperceptível e nos próximos quatro anos tem um crescimento lento, impactado pelas crises que assolaram a economia brasileira. Portanto, por mais que a participação feminina tenha aumentado, o rendimento mensal relativo não aumentou na mesma proporção.

### 4 Considerações Finais

Com base nos dados apresentados e discutidos ao longo do trabalho, é possível concluir que, apesar do aumento gradual da inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro, a disparidade de gênero permanece evidente no país. Mesmo durante períodos de crises econômicas e políticas que afetaram toda a população, a parcela feminina da sociedade enfrentou consequências mais significativas. Observa-se ainda, uma disparidade tanto na taxa de ocupação das mulheres no mercado de trabalho em comparação com os homens, quanto nos rendimentos de ambos os grupos. O panorama apresentado evidencia que,



## XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA

apesar dos esforços das mulheres para ampliar sua presença no mercado de trabalho, a disparidade de gênero não diminuiu significativamente na última década. Dada a relevância do tema, torna-se necessário a expansão da pesquisa sobre o tema, como: análise sobre a disparidade entre a ocupação de vagas de gerência, estudo do fenômeno de evasão da mulher do mercado de trabalho e estudos sobre os desafios de mulheres negras no mercado de trabalho, com a realização de estudos mais aprofundados futuramente.

### REFERÊNCIAS

AMARAL, Grazielle Alves. **"Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho."** Itinerarius Reflectionis 8.2 (2012).

AMORIM NETO, Octavio. **A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA DE 2015-2016: DIAGNÓSTICO, SEQUELAS E PROFILAXIA.** Relações Internacionais, n. 52, 2016. A crise política brasileira de 2015-2016: Diagnóstico, sequelas e profilaxia

BARBOSA, Fernando de Holanda. **A crise econômica de 2014/2017.** Estudos avançados, v. 31, p. 51-60, 2017.

COTRIM, Luisa Rabioglio, TEIXEIRA, Marilane, e PRONI, Marcelo Weishaupt. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil.** Instituto de Economia, Unicamp, 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero. **Indicadores: População Ocupada** <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,1,2,-2,-3,128,129&ind=4728>> Acesso em: 10 de abril de 2024.

MATTEI, Lauro. **Os efeitos da crise econômica de 2015-2017 sobre o mercado de trabalho brasileiro.** O Brasil pós-recessão: das origens da crise às perspectivas e desafios futuros, p. 113, 2018.

MATTEI, Lauro; Heinen, Vicente Loeblein. **Impactos da crise da Covid-19 no mercado de trabalho brasileiro.** Brazilian Journal of Political Economy, v. 40, p. 647-668, 2020.

MYRRA, Luana Junqueira Dias; QUEIROZ, Silvana Nunes de; CAMPOS, Jarvis. **Espacialização da desigualdade de gênero no trabalho remunerado e não remunerado no Brasil-2005 a 2015.** In: IX Congresso de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Trabajo, 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/SilvanaQueiroz/publication/335728398\\_Espacializacao\\_da\\_desigualdade\\_de\\_genero\\_no\\_trabalho\\_remunerado\\_e\\_nao\\_remunerado\\_no\\_Brasil\\_-\\_2005\\_a\\_2015/links/5d782ed1a6fdcc9961bfb1f8/Espacializacao-da-desigualdade-de-genero-no-trabalho-remunerado-e-nao-remunerado-no-Brasil-2005-a-2015.pdf](https://www.researchgate.net/profile/SilvanaQueiroz/publication/335728398_Espacializacao_da_desigualdade_de_genero_no_trabalho_remunerado_e_nao_remunerado_no_Brasil_-_2005_a_2015/links/5d782ed1a6fdcc9961bfb1f8/Espacializacao-da-desigualdade-de-genero-no-trabalho-remunerado-e-nao-remunerado-no-Brasil-2005-a-2015.pdf)> Acesso: 19 de abril de 2024

PINHEIRO, Luana Simões, et al. **"Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014."** (2016).

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da mulher no mercado de trabalho.** Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2003.



XLVII ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE ECONOMIA